

**SERPENTE**

**CLIVE  
CUSSLER**  
**& PAUL KEMPRECOS**

*Tradução de:  
Teresa Martins de Carvalho*





## Apresentação de um amigo

Foi com grande prazer e entusiasmo que aceitei o convite para apresentar Kurt Austin, Joe Zavala e os seus companheiros ao serviço da Agência Nacional Subaquática e Marítima. Tenho o privilégio de conhecer Kurt e Joe há muitos anos. Fomos apresentados quando eles entraram para a NUMA a convite do Almirante Sandecker, não muito tempo depois de eu e Al Giordino cá estarmos. Embora nunca tenhamos tido oportunidade de trabalhar juntos no mesmo projecto, as aventuras de Kurt e de Joe, em cima e debaixo de água, têm-me frequentemente incendiado a imaginação e levado a desejar encontrar-me no lugar deles.

De certo modo, eu e Kurt somos parecidos. Ele é uns anos mais novo e não temos grandes semelhanças físicas, mas ele vive numa antiga casa de barcos remodelada à beira do Rio Potomac e coleciona pistolas de duelo antigas, uma escolha sensata tendo em conta quão mais simples são de manter e guardar do que os carros antigos no meu hangar para aviões. Ele também é adepto de remo e de vela, o que me deixa exausto só de pensar nisso.

Kurt é engenhoso e perspicaz, e tem mais fibra que um tubarão-branco alimentado a esteróides. É igualmente o genuíno tipo porreiro, com duas toneladas de integridade e que acredita na bandeira, em mães e tarte de maçã. Para meu pesar, as mulheres acham-no atraente, ainda mais atraente do que eu...

Apraz-me que as façanhas de Kurt e de Joe estejam finalmente a ser divulgadas dos Ficheiros da NUMA. Não tenho a mais pequena dúvida de que o leitor as achará interessantes e uma maneira emocionante de passar o tempo. Eu achei.

Dirk Pitt

## Prólogo

25 DE JULHO DE 1956  
SUL DA ILHA DE NANTUCKET

O NAVIO PÁLIDO SURTIU TÃO SUBITAMENTE QUE PARECEU EMERGIR INTEIRO das profundezas, deslizando como um fantasma através da poça prateada de luminescência irradiada pela lua quase cheia. As luzes das vigias reluziam, quais tiaras ao longo dos costados de um branco cadavérico, à medida que avançava velozmente para leste na noite cálida, a proa lançada sulcando o mar chão com a facilidade de um estilete a cortar cetim negro.

Lá em cima, na ponte obscurecida do paquete Sueco-Americano *Stockholm*, sete horas e 130 milhas a leste da cidade de Nova Iorque, o Segundo-Oficial Gunnar Nillson perscrutava o oceano iluminado pelo luar. As grandes janelas rectangulares que circundavam a casa do leme proporcionavam-lhe uma visão panorâmica até perder de vista. A superfície estava calma, à excepção de uma ligeira ondulação aqui e ali. A temperatura situava-se na casa dos vinte graus, uma agradável variante do ar húmido carregado que pesava sobre o *Stockholm* nessa manhã, quando o paquete levantara ferro do cais na Rua Cinquenta e Sete e rumara Rio Hudson abaixo. Farrapos de nuvens pairavam ainda contra a lua de porcelana. A visibilidade para estibordo era de meia dúzia de milhas.

Nillson varreu o olhar para bombordo, onde a ténue e negra linha do horizonte se perdia para além de uma obscuridade nebulosa que velava as estrelas e unia céu e mar.

Por um momento deixou-se dominar pela cena, apenas refreado pelo pensamento do imenso vazio sem rasto ainda por percorrer. Era um sentimento comum entre homens do mar, e mais teria durado não fora a vibração que sentiu nas plantas dos pés. A energia produzida pelos poderosos motores gémeos diesel com potência de 14 600 cavalos, pareceu afluír da casa das máquinas através do convés que estremecia e penetrar-lhe no cor-

po, que oscilou quase imperceptivelmente para se adaptar ao ligeiro balanço. Reverência e assombro foram aplacados, substituídos pela sensação de onnipotência que advém de se estar ao comando de um veloz paquete que atravessa o oceano a toda a força.

Com 160 metros da proa à popa e 21 metros de boca, o *Stockholm* era o paquete mais pequeno do comércio transatlântico. E, contudo, era um navio especial, lustroso como um iate, com linhas vigorosas que se estendem do longo castelo da proa até à popa de contornos tão suavemente torneados como um copo de vinho. A cobertura brilhante era toda branca, à excepção de uma única chaminé amarela. Nillson gozava com deleite o poder de se encontrar ao comando. Com um estalar de dedos, os três tripulantes de quarto acorriam às suas ordens. Com o deslizar de uma alavanca nos telégrafos da máquina, podia fazer ecoar sireias e incitar homens à acção.

Soltou uma pequena risada, reconhecendo a sua arrogância pelo que era. O seu quarto de quatro horas era, essencialmente, uma série de tarefas de rotina destinadas a manter o navio numa linha imaginária que o levaria a um ponto imaginário, junto ao atarracado farol flutuante vermelho que guardava os baixios traiçoeiros de Nantucket. Aí, o *Stockholm* inflectiria para nordeste numa rota que levaria os seus 534 passageiros a passar ao largo da ilha de Sable em linha recta através do Atlântico até ao norte da Escócia e, finalmente, ao Porto de Copenhaga.

Embora tivesse apenas vinte e oito anos e tivesse entrado ao serviço do *Stockholm* há uns escassos três meses, Nillson andava de barco desde que sabia andar. Quando era adolescente trabalhara nos barcos de arenque do Mar Báltico e mais tarde estivera ao serviço de uma grande companhia de navegação como aprendiz de marinheiro. Depois seguira-se a Faculdade Náutica Sueca e um estágio na Armada Sueca. O *Stockholm* era mais um passo para atingir o seu sonho, ser dono do seu próprio navio.

Nillson era uma excepção ao habitual estereótipo escandinavo alto e louro. Havia nele mais de veneziano do que de *viking*. Herdara os genes italianos da mãe, a par do seu cabelo castanho, tez morena, estatura franzina e temperamento alegre. Suecos de cabelo escuro não eram invulgares. Por vezes, Nillson interrogava-se se o calor mediterrânico que espreitava nos seus grandes olhos castanhos teria alguma coisa a ver com a frieza do seu comandante. Mais provavelmente, tratar-se-ia de um misto de reserva escandinava e da rígida tradição marítima sueca de estrita disciplina. No entanto, Nillson trabalhava mais do que devia. Não queria dar ao comandante um único motivo para lhe apontar o dedo. Mesmo nessa noite tranquila, sem tráfego, de mar quase chão e tempo perfeito, Nillson andava de um lado para o outro da ponte como se o navio se encontrasse no olho de um furacão.

A ponte do *Stockholm* estava dividida em dois espaços, a casa das máquinas à frente, com seis metros de largura, e a casa das cartas à parte, atrás. As portas de ambos os lados estavam abertas de par em par à ligeira brisa de sudoeste. De cada lado da ponte havia um dispositivo de radar e um telégrafo da máquina. No meio da casa das máquinas, o timoneiro jazia de pé sobre uma plataforma de madeira uns centímetros acima do convés envernizado, de costas para a parede divisória, as mãos agarradas à roda do leme, os olhos no mostrador de uma girobússola à sua esquerda. Mesmo à frente do leme, sob a janela central, estava um registo do rumo. Os três cubos de madeira no interior da caixa tinham números impressos de forma a manter o timoneiro concentrado na rota.

Os blocos indicavam 090.

Nillson chegara uns minutos antes do quarto das oito e meia para dar uma olhada aos relatórios meteorológicos. Previa-se nevoeiro para a zona próxima do farol flutuante de Nantucket. Nada de admirar. As águas mornas dos baixios de Nantucket eram uma autêntica fábrica de nevoeiro. O oficial prestes a terminar o quarto disse-lhe que o *Stockholm* se encontrava a norte da rota estabelecida pelo comandante. Se muito ou pouco, não podia dizer. As radiobalizas indicadoras de posição estavam demasiado longe para o determinar.

Nillson sorriu. Nada de admirar também. O comandante tomava sempre o mesmo rumo, vinte milhas a norte da rota marítima para leste recomendada por acordo internacional. A rota não era obrigatória, e o comandante preferia a via mais a norte porque poupava tempo e combustível.

Os comandantes escandinavos não faziam quarto na ponte, deixando habitualmente o navio a cargo de um único oficial. Nillson iniciou rapidamente uma série de procedimentos. Fazer o giro da ponte. Verificar o radar da asa esquerda. Dar uma vista de olhos aos telégrafos da máquina de cada lado da ponte, de modo a certificar-se de que seguiam a toda a força a vante. Perscrutar o mar de um lado. Assegurar-se de que ambas as luzes de navegação no topo do mastro estavam acesas. Voltar à casa do leme. Consultar a girobússola. Controlar o timoneiro. Fazer um giro mais.

O comandante apareceu por volta das nove, depois de jantar no seu camarote imediatamente abaixo da ponte. Homem taciturno de cinquenta e muitos anos, parecia mais velho, o perfil vincado com traços ligeiramente esbatidos à semelhança de um promontório rochoso esculpido pela erosão contínua do mar. Conservava ainda a postura direita que nem um espeto, o uniforme irrepreensível. Uns olhos azul-icebergue brilhavam alerta por entre as rugas do rosto avermelhado. Durante dez minutos andou de um lado para o outro atrás da ponte, olhando o oceano e inspirando o ar morno como um perdigueiro farejando um faisão. Depois dirigiu-se à

casa do leme e estudou a carta de navegação como que em busca de um presságio.

Passado um momento disse: — Mudar a rota para oitenta e sete graus.

Nillson alterou os grandes cubos do registo do rumo de forma a indicarem 087. O comandante ficou o tempo suficiente para ver o timoneiro ajustar o leme e depois regressou ao seu camarote.

De volta à casa das cartas, Nillson apagou a linha a noventa graus, marcou a lápis o novo rumo do comandante e estimou a posição do navio. Prolongou a linha de rota de acordo com a velocidade e o tempo decorrido e desenhou um X. A nova rota levá-los-ia a cerca de cinco milhas do farol flutuante. Nillson calculou que as fortes correntes de norte impelisses o navio até às duas milhas de distância.

Nillson aproximou-se do dispositivo de radar junto à porta do lado direito e alterou o raio de acção de quinze milhas para cinquenta milhas. O fino ponteiro amarelo em movimento iluminou o braço esguio de Cape Cod e as ilhas de Nantucket e de Martha's Vineyard. Os navios eram pequenos demais para serem detectados pelo radar com aquele raio de acção. Voltou a posicionar o raio de acção no valor inicial e retomou o giro.

Por volta das dez, o comandante voltou à ponte. — Estarei no meu camarote a tratar de papelada — informou. — Daqui a duas horas mando alterar a rota para norte. Chame-me se avistar o farol flutuante antes disso. — Espreitou por uma janela como se pressentisse alguma coisa invisível. — Ou se estiver nevoeiro ou mau tempo.

O *Stockholm* encontrava-se agora a quarenta milhas do farol flutuante, suficientemente próximo para captar o seu sinal de rádio. O radiogoniómetro indicava que o *Stockholm* se encontrava a mais de duas milhas a norte da rota do comandante. As correntes deviam estar a impelir o navio para norte, concluiu Nillson.

Outra verificação do radiogoniómetro, uns minutos mais tarde, mostrava o navio quase três milhas a norte da rota. Nada de alarmar por enquanto, simplesmente teria de estar atento. As ordens eram para chamar o comandante em caso de desvio da rota. Nillson imaginou a expressão no rosto sulcado de rugas do comandante, o mal-disfarçado desdém naqueles olhos gastos pelo mar. Chamou-me aqui acima por isto? Nillson coçou o queixo, pensativo. Talvez o problema fosse do radiogoniómetro. As radiobalizas ainda deviam encontrar-se demasiado longe para uma determinação exacta.

Nillson sabia que apenas obedecia às ordens do comandante. Contudo, era afinal de contas, o oficial de comando na ponte. Tomou a sua decisão.

— Desviar para oitenta e nove — ordenou ao timoneiro.

O leme girou para a direita, desviando o navio ligeiramente para sul, mais próximo da rota original.

A tripulação da ponte mudou de postos conforme fazia de oitenta em oitenta minutos. Lars Hansen apresentou-se ao serviço e tomou o leme.

Nillson fez uma careta, não lhe agradando a troca. Nunca se sentia confortável quando partilhava um turno com aquele homem. A marinha sueca era de uma grande rigidez. Os oficiais apenas dirigiam palavra aos tripulantes para dar ordens. Simplesmente não se trocavam piadas. Por vezes Nillson infringia a regra, partilhando baixinho uma anedota ou um comentário com um tripulante. Jamais com Hansen.

Esta era a primeira viagem de Hansen no *Stockholm*. Entrara a bordo como substituto de última hora de um tripulante que não se apresentara ao serviço. De acordo com os seus documentos, já passara por vários navios. E, contudo, ninguém o conhecia, o que era difícil de acreditar. Hansen tinha o queixo saliente, era alto, de ombros largos e tinha o cabelo louro cortado rente. A mesma descrição se podia aplicar a uns poucos milhões de outros jovens escandinavos de vinte e poucos anos. Era difícil esquecer o rosto de Hansen. Uma horrível cicatriz branca estendia-se do malar saliente até quase ao canto direito da boca, de modo que tinha os lábios repuxados para cima num sorriso grotesco. Hansen trabalhara sobretudo em cargueiros, o que podia explicar o seu anonimato. Mas Nillson desconfiava que tinha mais a ver com o seu comportamento. Era metido consigo, apenas falava quando lhe dirigiam a palavra, e mesmo assim não muito. Jamais alguém lhe fizera perguntas a respeito da cicatriz.

Revelou ser um bom tripulante, Nillson tinha de admiti-lo, sempre pronto a acatar ordens e cumprindo-as sem uma pergunta. Daí a admiração de Nillson ao verificar a bússola. Nos turnos passados, Hansen mostrara ser um timoneiro competente. Naquela noite estava a deixar o navio desviar-se da rota como se estivesse desatento. Nillson compreendia que levava algum tempo até se sentir bem o leme. À excepção da corrente, no entanto, a navegação não apresentava qualquer dificuldade. Não sopravam ventos fortes. Não havia ondas gigantes irrompendo pelo convés. Era só mover o leme um bocadinho para cá, um bocadinho para lá.

Nillson verificou a girobússola. Não havia qualquer dúvida. O navio estava a guinar ligeiramente. Manteve-se junto ao ombro do timoneiro.

— Mantenha-se a direito, Hansen — disse com afabilidade. — Bem sabe que isto não é nenhum navio de guerra.

A cabeça de Hansen girou sobre o pescoço musculoso. O reflexo da luz da bússola emprestou-lhe um clarão animalesco ao olhar e acentuou a profundidade da cicatriz. Os olhos pareciam irradiar calor. Sentindo uma



agressividade muda, Nillson quase recuou. Mas manteve-se firme no seu lugar e apontou para os números no registo do rumo.

O timoneiro ficou a olhar inexpressivamente para ele durante uns segundos, depois assentiu quase imperceptivelmente.

Nillson assegurou-se de que a rota estava estabilizada, balbuciou uma aprovação e escapou-se para a casa das cartas.

Hansen dava-lhe calafrios, pensou, tremendo enquanto fazia outra determinação de posição via rádio para ver o efeito do desvio. Algo não fazia sentido. Mesmo com a correcção de dois graus para sul, o *Stockholm* mantinha-se três milhas a norte da rota.

Voltou à casa do leme, e sem olhar para Hansen ordenou: — Dois graus para a direita.

Hansen girou lentamente o leme para os noventa e um graus.

Nillson alterou os números no registo do rumo e permaneceu junto à bússola até se dar por satisfeito de que Hansen tinha trazido o navio para a nova rota. Depois debruçou-se sobre o radar, o brilho amarelo do monitor emprestou à sua tez morena uma coloração de icterícia. O ponteiro em movimento iluminou um ponto luminoso no lado esquerdo do ecrã, a cerca de doze milhas de distância. Nillson ergueu uma sobrancelha.

O *Stockholm* tinha companhia.

Sem o conhecimento de Nillson, o casco e a superestrutura do *Stockholm* estavam a ser varridos por ondas eléctricas invisíveis que eram reflectidas de volta para a antena de radar giratória no alto da ponte de um navio que avançava velozmente na sua direcção, vindo do sentido oposto. Minutos antes, no interior da espaçosa ponte de comando do navio de passageiros da Italian Line, *Andrea Doria*, o oficial de vigilância ao radar chamara um homem atarracado com uma boina da marinha e farda azul.

— Comandante, vejo um navio dezassete milhas e quatro graus a estibordo.

O radar estava a ser constantemente monitorizado num raio de acção de vinte milhas desde as três horas, quando o Comandante Piero Calamai entrara na asa da ponte e vira farrapos cinzentos pairando sobre o mar, a ocidente, como espíritos de afogados.

O comandante ordenara de imediato que o navio fosse equipado para navegação no nevoeiro. A tripulação de 572 homens estava em alerta total. A sereia de nevoeiro soava automaticamente a intervalos de cem segundos. O vigia no cesto da gávea fora transferido para a proa, de onde teria uma visão mais clara. A tripulação da casa das máquinas ficara de sobreaviso, preparada para agir imediatamente em caso de emergência. As portas entre os onze compartimentos estanques do navio foram encerradas.

O *Andrea Doria* encontrava-se na última etapa de uma viagem de 4000 milhas e nove dias, proveniente do seu porto natal de Génova e com 1134 passageiros e 401 toneladas de carga a bordo. Apesar do espesso nevoeiro que se abatia sobre os seus conveses, o *Doria* navegava quase à velocidade máxima, com os seus poderosos motores de turbinas gémeas com potência de 35 000 cavalos impelindo o grande navio através do mar a vinte e dois nós.

A Italian Line não brincava com os seus navios e passageiros. Nem pagava aos comandantes para chegarem depois do tempo previsto. Tempo era dinheiro. Ninguém o sabia melhor do que o Comandante Calamai, que estivera ao comando do navio em todas as suas travessias transatlânticas. Estava determinado a que o navio não chegasse a Nova Iorque um segundo além da hora de atraso perdida numa tempestade duas noites antes.

Quando o *Doria* passara pelo farol flutuante às dez e vinte da noite, a ponte conseguira captar o navio no radar e ouvir o queixume solitário da sua sereia de nevoeiro, mas aquele mantinha-se invisível a menos de uma milha de distância. Com o farol flutuante atrás deles, o comandante do *Doria* ordenara que rumassem definitivamente a oeste em direcção a Nova Iorque.

O ponto luminoso no radar avançava para leste, directamente *contra* o *Doria*. Calamai inclinou-se sobre o monitor do radar, de cenho franzido, observando o seu progresso. O radar não podia dizer ao comandante para que *espécie* de navio ele estava a olhar ou qual o seu tamanho. Ele não sabia que estava a olhar para um veloz transatlântico. Com uma velocidade combinada de quarenta nós, os dois navios aproximavam-se um do outro a uma média de duas milhas a cada três minutos.

A posição do navio era estranha. Os navios rumando para leste deviam supostamente seguir uma rota vinte milhas para o *sul*. Um barco de pesca, talvez.

Segundo as regras da estrada, é suposto que os navios em rota de colisão em mar aberto se cruzem por bombordo, lado esquerdo contra lado esquerdo, como carros aproximando-se de direcções opostas. Se as manobras dos navios com vista a respeitar esta regra os forçarem a uma passagem perigosa, podem em vez disso cruzar-se por estibordo.

A julgar pelo radar, o outro navio passaria em segurança à direita do *Doria* se ambos os navios mantivessem a mesma rota. Tal como automóveis numa estrada inglesa, em que se conduz pela esquerda.

Calamai deu ordens à tripulação para que vigiasse de perto o outro navio. Não fazia mal nenhum ter cuidado.

Os navios encontravam-se a cerca de dez milhas um do outro quando Nillson acendeu a luz por baixo do quadro de manobra BIAL junto ao dis-

positivo de radar e se preparou para passar ao papel a mudança de posição do ponto luminoso no radar.

— Qual é a nossa direcção, Hansen? — gritou.

— Noventa graus — respondeu tranquilamente o timoneiro.

Nillson marcou Xs no painel quadriculado e uniu-os entre si, verificou o ponto luminoso no radar de novo, depois ordenou ao vigia de sobreaviso que ficasse atento à asa da ponte de bombordo. A linha que acabara de desenhar mostrava o outro navio a avançar velozmente na direcção deles numa rota paralela, ligeiramente para a esquerda. Saiu para a asa e perscrutou a noite com os binóculos. Nenhum sinal de outro navio. Passeou de um lado para o outro na ponte, parando no radar a cada passagem. Solicitou mais uma indicação de direcção.

— Ainda noventa graus, senhor — disse Hansen.

Nillson consultou de novo a girobússola. O mais pequeno desvio que fosse podia ser decisivo, e queria certificar-se de que o rumo estava certo. Hansen inclinou-se e puxou o cabo sobre a sua cabeça. O sino do navio tocou seis vezes. Onze horas. Nillson adorava ouvir o soar das horas. Num turno tardio, em que a solidão se associava à monotonia, o toque do sino do navio personificava a ligação romântica que ele sentira pelo mar em rapaz. Mais tarde haveria de recordar esse tinido como o som do destino.

Distraído do que tencionava fazer, Nillson espreitou o monitor do radar e fez mais uma marca no quadro de registo de navegação.

Onze horas. Sete milhas separavam os dois navios.

Nillson calculou que os navios se cruzassem por bombordo a distância mais que suficiente um do outro. Saiu para a asa outra vez e perscrutou através dos binóculos para a esquerda. Era de enlouquecer. Havia apenas escuridão onde o radar indicava um suposto navio. Talvez tivesse as luzes de navegação avariadas. Ou talvez fosse um navio da armada em manobras.

Olhou ao longe, para a direita. A lua reflectia-se brilhante na água. De novo para a esquerda. Ainda nada. Estaria o navio num banco de nevoeiro? Pouco provável. Nenhum navio se deslocaria tão depressa no meio de nevoeiro cerrado. Considerou reduzir a velocidade do *Stockholm*. Não. O comandante ouviria o matraquear do telégrafo da máquina e viria a correr. Chamaria o sacana cara-de-gelo *depois* de os navios terem passado em segurança um pelo outro.

Às 11:03, os radares de ambos os navios mostravam-nos a quatro milhas de distância.

*Ainda luzes nenhuma.*

Nillson considerou mais uma vez chamar o comandante, e mais uma vez desistiu da ideia. Assim como não ordenou que se fizessem soar os si-

nais de alarme conforme estipulado no direito internacional. Uma perda de tempo. Encontravam-se em oceano aberto, a lua estava bem descoberta e a visibilidade devia ser de umas cinco milhas.

O *Stockholm* continuou a avançar através da noite a dezoito nós.

— Luzes a bombordo! — gritou o homem no cesto da gávea.

*Finalmente.*

Mais tarde, os analistas sacudiriam a cabeça confusos, interrogando-se como é que dois navios equipados com radar podiam ser atraídos um para o outro como ímanes em mar aberto.

Nillson saiu apressadamente para a asa da ponte esquerda e leu as luzes do outro navio. Duas luzinhas brancas, uma alta, outra baixa, brilhavam na escuridão. Bom. A posição das luzes indicava que os navios se cruzariam pela esquerda. A luz vermelha de bombordo surgiu à vista, confirmando que o navio se afastava do *Stockholm*. Os navios cruzar-se-iam por bombordo. O radar indicava uma distância de mais de duas milhas. Olhou de relance para o relógio. Eram 11.06.

Pelo que o comandante do *Andrea Doria* podia ver no monitor do radar, os navios cruzar-se-iam sem problema pela esquerda. Quando os navios se encontravam a menos de três milhas e meia de distância um do outro, Calamai ordenou um desvio de quatro graus para a esquerda a fim de aumentar a distância entre os dois. Depressa surgiu um clarão espectral no nevoeiro, e gradualmente foram-se tornando visíveis umas luzes brancas de navegação. O Comandante Calamai ficou na expectativa de avistar a luz verde de estibordo do outro navio. A qualquer momento.

Uma milha de distância.

Nillson lembrava-se de um observador ter dito que o *Stockholm* quase podia girar sobre si próprio como uma moeda. Estava na altura de fazer uso dessa agilidade.

— Dois pontos para estibordo — ordenou ao timoneiro. Tal como Calamai, queria mais espaço de manobra.

Hansen deu ao leme duas voltas completas para a direita. A proa do navio desviou-se vinte graus para estibordo.

— Endireitar a meia-nau e aguenta aí.

O telefone tocou na parede. Nillson foi atender.

— Ponte — disse Nillson. Confiante de que se cruzariam sem problema, manteve-se de frente para a parede, de costas para as janelas.

Era o vigia no cesto da gávea:

— Luzes vinte graus a bombordo.

— Obrigado — respondeu Nillson, e desligou. Foi verificar o radar, desconhecendo a nova trajectória do *Doria*. Os pontos luminosos estavam

agora tão próximos um do outro que aquilo não fazia qualquer sentido para ele. Saiu para a asa de bombordo e, sem qualquer sentido de urgência, ergueu os binóculos aos olhos e focou as luzes.

A calma abandonou-o.

— Meu Deus. — Susteve a respiração, ao ver a alteração nas luzes do mastro pela primeira vez.

As luzes alta e baixa encontravam-se agora ao contrário. O navio já não tinha a luz vermelha de bombordo virada para ele. A luz era *verde*. Estibordo. Desde que olhara pela última vez, o outro navio parecia ter desviado abruptamente à esquerda.

Do banco de nevoeiro que o mantivera oculto, assomavam agora as luzes resplandecentes dos conveses de um enorme navio negro que se apresentava com o lado direito em rota de colisão com o veloz *Stockholm*.

Berrou uma alteração de rumo. — Tudo a estibordo!

Dando meia volta, tomou as alavancas do telégrafo da máquina com ambas as mãos, puxou-as na direcção do *Stop* e baixou-as vigorosamente como se pudesse imobilizar o navio simplesmente à força de intenção. Um estrépito de enlouquecer encheu o ar.

Toda a força a ré.

Nillson voltou-se para o timoneiro. Hansen mantinha-se ali de pé, como um guardião de pedra à entrada de um templo pagão.

— Raios, eu disse tudo *a estibordo!* — berrou Nillson numa voz rouca.

Hansen começou a rodar o leme. Nillson não podia crer no que via. Hansen não estava a rodar o leme para estibordo, o que lhes teria dado uma hipótese, por mais ínfima que fosse, de evitar uma colisão. Ele fazia-o girar lenta e deliberadamente para a *esquerda*.

A proa do *Stockholm* inflectiu numa guinada fatal.

Nillson ouviu uma sereia de nevoeiro e percebeu que devia ser do outro navio.

Na casa das máquinas reinava o caos. A tripulação rodava freneticamente a roda que faria parar o motor de estibordo. Lutaram para abrir as válvulas que inverteriam a marcha e parariam o motor de bombordo. O navio estremeceu com a manobra. Tarde demais. O *Stockholm* voou como uma flecha para o navio desprotegido.

Na asa de bombordo, Nillson agarrou-se ferozmente ao telégrafo da máquina.

Tal como Nillson, o Comandante Calamai vira materializarem-se os faróis no topo do mastro, depois trocaram de posição, e avistara a luz vermelha de bombordo a brilhar como um rubi em veludo negro. Compreendeu que o outro navio guinara à direita, em cheio na direcção do *Doria*.

Sem qualquer aviso. Sem sereia de nevoeiro ou apito.

Parar estava fora de questão àquela velocidade. O navio levaria milhas a imobilizar-se.

Calamai tinha de agir numa questão de segundos. Podia ordenar uma viragem à direita, directamente na *directão* do perigo, esperando que os navios passassem de raspão um pelo outro. Talvez o *Doria*, lançado a toda a velocidade, se adiantasse ao navio atacante.

Calamai tomou uma decisão desesperada.

— Tudo à esquerda! — vociferou.

Um oficial da ponte chamou. Desejava o comandante que se desligassem os motores? Calamai abanou a cabeça. — Mantenham toda a força. — Sabia que o *Doria* virava melhor a uma velocidade mais elevada.

Num frenesim, o timoneiro fez girar a roda do leme para bombordo com ambas as mãos. O apito soou duas vezes para assinalar a viragem à esquerda. O grande navio debateu-se contra o ímpeto para diante durante meia milha antes de adernar ao iniciar a viragem.

O comandante sabia estar a correr um grande risco ao expor o costado do *Doria*. Rezava para que o outro navio se fizesse ao largo enquanto ainda havia tempo. Ainda não podia crer que os navios estivessem em rota de colisão. Tudo aquilo parecia um sonho.

Um grito de um dos seus oficiais trouxe-o bruscamente de volta à realidade.

— Ele vem mesmo contra nós!

O navio que se aproximava apontava à asa de estibordo de onde Calamai observava horrorizado. A ponta da proa arrebitada para cima parecia dirigir-se directamente para ele.

O capitão do *Doria* tinha reputação de ser duro e de ter autodomínio. Mas nesse momento fez o que qualquer homem no seu juízo perfeito teria feito no seu lugar. Correu para salvar a vida.

A proa reforçada do navio sueco perfurou a estrutura de metal do veloz *Andrea Doria* tão facilmente como uma baioneta, penetrando quase um terço dos vinte e oito metros de boca do paquete antes de se imobilizar.

Pesando 29100 toneladas, mais do dobro do *Stockholm*, o paquete italiano arrastou o navio atrás de si, rodando em torno do ponto de impacto abaixo e à ré da asa da ponte de estibordo. Assim que o *Doria* ferido de morte arfou para diante, a proa amarfanhada do *Stockholm* soltou-se, dilacerando sete dos dez conveses de passageiros do paquete como o bico de uma ave de rapina rasgando a carne da sua presa. Abriu ao meio o longo casco preto numa torrente resplandecente de fagulhas. A grande brecha em forma de cunha aberta no costado do *Doria* tinha

doze metros em cima e diminuía para dois metros abaixo da linha de água, na parte inferior.

Milhares de galões de água do mar irromperam pela enorme ferida dentro e encheram os depósitos de combustível externos, vazios, dilacerados na colisão. O navio inclinou-se para a direita sob o peso de quinhentas toneladas de água do mar que inundaram a casa de geradores. Um rio oleoso irrompeu por um túnel de acesso e pelas aberturas de esgoto e começou a subir através das barras de ferro do chão da casa das máquinas. A tripulação deslizou alvoroçada através dos conveses escorregadios de óleo como palhaços de circo caindo de traseiro no chão.

Mais água entrou a jorros, deslizou em torno dos depósitos de combustível vazios de bombordo e pô-los a flutuar como bolhas de sabão.

Minutos depois de ter sido atingido, o *Doria* adernara perigosamente.

Nillson estava à espera de ser atirado ao chão pelo impacto. O abanão foi surpreendentemente suave e contudo suficientemente forte para o arrancar da paralisia em que se encontrava. Correu disparado da casa do leme para a casa das cartas e accionou desesperadamente o botão de alarme que encerraria as anteparas estanques do *Stockholm*.

O comandante rugiu na ponte: — O que aconteceu, em nome de Deus?

Nillson tentou articular uma resposta. As palavras ficaram-lhe retidas na garganta. Não tinha como descrever a cena. Hansen ignorando a sua ordem de avançar para estibordo. A roda do leme a girar num frenesim para bombordo. Hansen inclinado para a frente sobre o leme, as mãos crispadas sobre os raios como que imobilizado no tempo. Sem medo ou terror nos olhos. Apenas uma frieza azul de gelo. Nillson julgara a princípio tratar-se de uma ilusão óptica, a horrível cicatriz encoberta pela luz da bitácula da girobússola. Não havia que enganar. Quando os navios avançavam desenfreados para o desastre certo, o homem *sorria*.

Não havia qualquer dúvida no seu espírito. Hansen abalroara *deliberadamente* o outro navio, apontando o *Stockholm* como se dirigisse um torpedo. Não havia qualquer dúvida, também, de que nem o comandante, nem mais ninguém no navio, jamais acreditaria que tal pudesse acontecer.

Os olhos angustiados de Nillson desviaram-se do rosto furioso do comandante para o timoneiro, como se a resposta estivesse ali. A roda do leme girava desalmadamente, ao abandono.

No meio da confusão, Hansen desaparecera.

Jake Carey acordou em sobressalto com um agourento estrondo me-

tálico. O fragor cavernoso apenas durou um instante antes de ser seguido pelo tinido arrepiante de aço contra aço e de um aterrorizador chocar e amarfanhar como se o camarote no convés superior estivesse a implodir. Carey abriu os olhos e olhou apavorado para o que parecia ser uma parede branca-acinzentada em movimento apenas a um ou dois metros de distância.

Carey adormecera uns minutos antes. Dera um beijo de boas-noites à mulher, Myra, e deslizara para baixo dos lençóis frescos da sua cama no camarote de primeira classe. Myra leu umas páginas do seu romance até que as suas pálpebras se fecharam. Apagou a luz, puxou o cobertor sobre o pescoço e suspirou, com recordações agradáveis das vinhas banhadas de sol da Toscana ainda na cabeça.

Nessa noite, ela e Jake tinham brindado com champanhe ao sucesso da sua estada em Itália na sala de jantar da primeira classe. Carey sugerira uma última bebida na Sala Panorâmica, mas Myra respondera que se ouvisse a orquestra tocar “*Arrivederci Roma*” outra vez, nunca mais voltaria a comer esparguete na vida. Retiraram-se pouco antes das dez e meia da noite.

Depois de passearem de mãos dadas diante das lojas no convés de entrada, apanharam o elevador para o andar de cima e dirigiram-se para o seu espaçoso camarote que ficava a estibordo do convés superior. Colocaram a bagagem lá fora no corredor, onde os camareiros a recolheriam antes da chegada do navio a Nova Iorque no dia seguinte. O navio balançava ligeiramente, uma vez que a sua parte superior se tornara mais pesada depois de quase esvaziados os depósitos de combustível do grande casco. O movimento era como ser embalado num berço gigante, e não tardou que Myra Carey adormecesse também.

Agora a cama do seu marido abanava violentamente. Ele foi atirado pelo ar como se tivesse sido lançado de uma catapulta. Caiu em queda livre durante um período de tempo equivalente a várias vidas, antes de mergulhar com estrondo na mais profunda escuridão.

A morte pairava sobre os conveses do *Andrea Doria*.

Ia dos elegantes camarotes nos andares superiores até aos alojamentos da classe turística abaixo da linha de água. Cinquenta e duas pessoas jaziam mortas ou moribundas na sequência do embate. Dez camarotes foram demolidos no convés da primeira classe onde a brecha era mais larga. O buraco era consideravelmente menor lá em baixo, mas os camarotes abaixo da linha de água eram mais pequenos e estavam mais cheios, de maneira que o efeito foi ainda mais devastador.

Alguns passageiros morreram ou viveram por capricho do destino. Um passageiro da primeira classe que se encontrava a lavar os dentes, cor-



reu de volta ao quarto e descobriu que a parede se fora e a mulher tinha desaparecido. No luxuoso convés de entrada, duas pessoas morreram instantaneamente. Vinte e seis imigrantes italianos, nos camarotes mais pequenos e mais baratos do convés inferior, foram apanhados em cheio na colisão e morreram numa amálgama de aço. Entre eles estava uma mulher com os seus quatro filhos pequenos. Também se verificaram milagres. Uma rapariguinha cuspida de um camarote da primeira classe acordou na proa amarfanhada do *Stockholm*. Noutro camarote, o tecto desabou sobre um casal, mas ambos conseguiram arrastar-se para o corredor.

Os que se encontravam nos dois conveses mais baixos foram os que passaram o pior bocado, abrindo caminho a custo através dos corredores inclinados e cheios de fumo contra uma torrente de água negra repleta de óleo. Gradualmente, as pessoas foram conseguindo chegar aos postos de emergência e aguardavam instruções.

O Comandante Calamai estava do outro lado da ponte, que escapou incólume, quando os navios chocaram. Recuperando do choque inicial, puxou a alavanca do telégrafo da máquina na direcção do *Stop*. O navio lá acabou por se imobilizar no meio do nevoeiro cerrado.

O Segundo-Oficial dirigiu-se ao inclinómetro, o instrumento que media o ângulo de inclinação do navio.

— Dezoito graus — disse. E, passados uns minutos: — Dezanove graus.

O comandante sentiu um calafrio no coração. A inclinação não podia ir além dos quinze graus, mesmo com dois compartimentos inundados. Uma inclinação de mais de vinte graus submergiria os compartimentos estanques.

A lógica dizia-lhe que a situação era impossível. Os desenhadores garantiam que o navio se manteria estável com qualquer grupo de dois compartimentos inundado. Solicitou relatórios dos danos de cada convés, especialmente no que tocava ao estado dos compartimentos estanques, e deu ordens para que fosse enviado um SOS com a localização do navio.

Os oficiais acorreram à ponte com os relatórios dos danos. A tripulação da casa das máquinas bombeava os compartimentos de estibordo, mas a água entrava mais depressa do que eles conseguiam tirá-la. A casa das caldeiras encontrava-se inundada, e mais dois compartimentos estavam a meter água.

O problema era o Convés A, que supostamente servia de tampa de aço sobre as anteparas transversais que dividiam o navio em compartimentos. A água afluía através dessas escadas de passageiros para os outros compartimentos.

O oficial gritou a última leitura: — Vinte e dois graus.

O Comandante Calamai não teve de olhar para o inclinómetro para saber que a inclinação ultrapassara o ponto de salvação. Bastava olhar para o declive do chão atulhado de mapas aos seus pés.

O navio estava moribundo.

Sentiu-se entorpecido de desgosto. O *Andrea Doria* não era um navio qualquer. A embarcação-rainha da Italian Line, de vinte e nove milhões de dólares, era o mais majestoso e luxuoso navio de passageiros à superfície dos mares. Ainda com quatro anos incompletos, fora lançado ao mar para mostrar ao mundo que a marinha mercante italiana estava de volta ao activo após a guerra. Com o seu gracioso casco preto e superestrutura branca, a elegante chaminé vermelha, branca e verde, o pacote mais parecia obra de um escultor do que de um arquitecto naval.

Além disso, era o *seu* navio. Ele comandara o *Doria* nas suas viagens experimentais e numa centena de travessias transatlânticas. Conhecia os seus conveses melhor do que as divisões da sua própria casa. Não se cansava de passear de uma extremidade à outra, como um visitante num museu, inebriando-se com a obra de trinta e um dos melhores artistas e artesãos de Itália, rejubilando com a beleza renascentista dos espelhos, dourados, cristais, madeiras raras, finas tapeçarias e azulejos. Rodeado pelo grandioso mural em honra de Miguel Ângelo e de outros mestres italianos, detinha-se no salão da primeira classe diante da estátua de bronze maciça de *Andrea Doria*, cuja grandeza se encontrava logo a seguir à de Colombo. O velho almirante genovês estava pronto, como sempre, para desembainhar a espada ao primeiro sinal de um pirata da Barbária.

Tudo isto estava prestes a perder-se.

Os passageiros eram a primeira responsabilidade de um comandante. Estava na iminência de dar ordens para abandonar o navio quando um oficial o informou da situação das embarcações salva-vidas. Os salva-vidas de bombordo estavam incapazes de ser arriados. Isso deixava oito barcos do lado de estibordo. Encontravam-se suspensos muito acima da água. Mesmo que pudessem ser lançados, apenas tinham espaço para metade dos passageiros. Não se atreveu a dar a ordem para abandonar o navio. Os passageiros, tomados de pânico, acorreriam a bombordo e seria o caos.

Rezava para que os navios de passagem por ali tivessem ouvido o sinal de SOS e os conseguissem encontrar no nevoeiro.

Nada mais podia fazer além de esperar.

Angelo Donatelli acabara de deixar uma bandeja cheia de martinis numa barulhenta mesa de nova iorquinos comemorando a sua última noite a bordo do *Doria*, quando olhou de relance na direcção de uma das janelas

cobertas de cortinados que ocupavam três paredes da elegante Sala Panorâmica. Alguma coisa, um movimento fugaz, lhe chamara a atenção.

A sala ficava na parte da frente do convés das embarcações salva-vidas, com a sua esplanada, e durante o dia ou nas noites claras, os passageiros da primeira classe tinham normalmente uma extensa vista do mar. A maior parte dos passageiros desistira de tentar ver alguma coisa através da suave parede cinzenta que envolvia a sala. Foi pura sorte que Angelo tivesse olhado e visto as luzes e as amuradas de um grande navio branco avançar através do nevoeiro.

— *Dios mio* — murmurou.

Mal pronunciara as palavras quando se verificou uma explosão que soou como uma monstruosa bomba de Carnaval. A sala mergulhou na escuridão.

O convés estremeceu violentamente. Angelo perdeu o equilíbrio, lutou para o recuperar e, agarrando firmemente a bandeja circular com uma mão, efectuou uma imitação sofrível da famosa estátua grega do Discóbulo. O atraente siciliano natural de Palermo era um atleta nato que conservara a agilidade, à força de serpentear por entre as mesas equilibrando as bebidas.

As luzes de emergência acenderam-se enquanto ele se esforçava por se pôr de pé. Os três casais na sua mesa tinham sido arremessados das cadeiras para o chão. Ajudou as senhoras a levantarem-se primeiro. Nenhuma parecia seriamente magoada. Olhou à sua volta.

A bonita sala, com as suas tapeçarias suavemente iluminadas, os seus quadros e baixos-relevos de madeira clara polida, estava num turbilhão. A reluzente pista de dança, onde segundos antes alguns casais deslizavam ao som de "*Arrivederci Roma*", era um amontoado de corpos contorcidos. A música parara abruptamente, substituída por gritos de dor e aflição. Os membros da orquestra desembaraçavam-se da confusão de instrumentos. Havia garrafas e copos partidos por todo o lado, e o ar fedia a álcool. Jarras com flores frescas jaziam tombadas e entornadas no chão.

— Em nome de Deus, o que foi *isto*? — disse um dos homens.

Angelo susteve a língua, ainda sem saber ao certo o que vira. Olhou de novo para a janela e apenas viu nevoeiro.

— Se calhar batemos num icebergue — arriscou a esposa, a medo.

— Um *icebergue*? Por amor de Deus, Connie, estás na costa do Massachusetts. Em *Julho*.

A mulher fez beicinho. — Bem, então talvez tenha sido uma mina.

Ele lançou um olhar na direcção da orquestra e riu-se. — Fosse o que fosse, fê-los parar de tocar aquela maldita canção.

Todos se riram com a piada. Os dançarinos sacudiam as roupas, os

músicos inspeccionavam os instrumentos para ver se estavam em ordem. Os empregados de bar e de mesa corriam de um lado para o outro.

— Não temos motivo para nos preocuparmos — disse outro homem.  
— Um dos oficiais disse-me que construíram este navio para ser insubmergível.

A mulher dele parou de verificar a maquilhagem no espelho de carteira. — Isso foi o que disseram do *Titanic* — disse, em pânico.

Silêncio tenso. Depois uma rápida troca de olhares assustados. Como se tivessem escutado um sinal silencioso, os três casais apressaram-se para a saída mais próxima como pássaros levantando voo de um estendal.

O primeiro instinto de Angelo foi tirar os copos da mesa e limpá-la. Riu baixinho. — És criado de mesa há tempo demais — murmurou.

A maior parte das pessoas no interior da sala tinham-se posto de pé e dirigiam-se para a saída. A sala esvaziava-se rapidamente. Se Angelo não sáísse, ficaria sozinho. Encolheu os ombros, atirou o pano ao chão e dirigiu-se para a saída mais próxima a fim de descobrir o que se passava.

Vagas de escuridão ameaçavam arrastar Jake Carey definitivamente para o fundo. Lutou contra a torrente negra que lhe puxava o corpo, debateu-se a custo para conservar a consciência e aguentou firme. Ouviu um gemido e apercebeu-se de que saíra dos seus próprios lábios. Gemeu novamente, desta vez de propósito. Bom. Os mortos não gemem. O seu pensamento seguinte foi para a mulher.

— Myra! — chamou.

Ouviu uma vaga agitação na escuridão cinzenta. A esperança invadiu-lhe o peito. Gritou o nome da mulher outra vez.

— Aqui. — A voz de Myra soava abafada como se viesse de longe.

— Graças a Deus! Estás bem?

Uma pausa. — Sim. O que aconteceu? Estava a dormir...

— Não sei. Consegues mexer-te?

— Não.

— Eu vou aí ajudar-te — disse Carey. Estava deitado sobre o lado esquerdo, o braço preso debaixo do corpo, com um peso a fazer-lhe pressão sobre o lado direito. Tinha as pernas completamente presas. Sentiu um calafrio de medo. Se calhar tinha a coluna partida. Tentou de novo. Com mais força. A dor lancinante que o percorreu do tornozelo à coxa trouxe-lhe as lágrimas aos olhos, mas isso queria dizer que não estava paralisado. Deixou de lutar. Primeiro tinha de analisar a situação. Carey era engenheiro e tinha feito uma fortuna a construir pontes. Isto não era diferente de qualquer outro problema passível de ser resolvido pela lógica e persistência. E montes de sorte.

Tocou com o cotovelo direito e sentiu tecido mole. Estava debaixo do colchão. Empurrou com mais força, inclinando o corpo à laia de alavanca. O colchão deu de si, depois imobilizou-se de vez. Cristo, era capaz de ter todo o maldito tecto em cima de si. Carey inspirou profundamente e, recorrendo a todas as forças do seu braço musculoso, empurrou mais uma vez. O colchão deslizou para o chão.

Com ambos os braços livres, inclinou-se e sentiu uma coisa sólida sobre o tornozelo. Explorando a superfície com os dedos, imaginou tratar-se da pequena cómoda que ficava entre as duas camas. O colchão devia tê-lo protegido contra os pedaços de parede e de tecto caídos. Com as duas mãos livres, levantou a cómoda uns centímetros e deslizou as pernas para fora, uma de cada vez. Esfregou os tornozelos suavemente para restabelecer a circulação. Estavam feridos e doridos mas não partidos. Pôs-se lentamente de gatas.

— Jake. — A voz de Myra outra vez. Mais fraca.

— Já vou, amor. Aguenta.

Havia algo de errado. A voz de Myra parecia vir do outro lado da parede do camarote. Acendeu um interruptor de luz. O camarote continuou às escuras. Desorientado, rastejou através dos escombros. Os seus dedos, tacteantes, encontraram uma porta. Espreitou, ouvindo o que pareciam ondas a rebentar e gaivotas aos gritos lá atrás. Pôs-se em pé, a cambalear, afastou o entulho à volta da porta e abriu-a como que num pesadelo.

O corredor estava pejado de passageiros aos encontrões, iluminado pela tonalidade âmbar das luzes de emergência. Homens, mulheres e crianças, alguns completamente vestidos, outros de pijama sob os casacos, alguns sem nada nas mãos, outros carregando malas, empurravam, abriam caminho aos encontrões, de pé ou de gatas, rumo ao convés superior. O corredor encontrava-se imerso em pó e fumo e estava inclinado como o chão de uma casa de diversões. Alguns passageiros, tentando chegar aos seus camarotes, debatiam-se contra aquele rio humano como salmões nadando contra a corrente.

Carey olhou de relance para a porta pela qual acabara de sair e apercebeu-se, pelo número, de que tinha saído do camarote contíguo ao seu. Devia ter sido atirado de um camarote para o outro. Nessa noite, na sala de estar, ele e Myra tinham falado com os ocupantes daquele camarote, um casal mais velho Italo-americano de regresso de uma reunião de família. Rezou para que não tivessem seguido a rotina habitual de se retirarem cedo.

Carey avançou a custo através da multidão até à porta do seu camarote. Estava trancada. Regressou ao camarote do qual acabara de sair e avançou através dos escombros na direcção da parede. Por várias vezes, deteve-se para arrastar móveis ou afastar para o lado pedaços de tecto ou de paredes.

Às vezes arrastava-se sobre os escombros, outras contorcia-se por baixo, movido por uma nova urgência. O convés inclinado significava que o navio estava a meter água. Chegou à parede e chamou pelo nome da mulher outra vez. Ela respondeu do outro lado. Frenético, tateou à procura de alguma abertura na divisória, descobriu que a parte de baixo se tinha soltado e empurrou até fazer um buraco suficientemente grande para o atravessar de barriga.

O seu camarote encontrava-se na penumbra, as formas e os objectos vagamente iluminados. Pôs-se em pé e olhou na direcção da luz. Uma brisa fresca e salgada soprou-lhe no rosto transpirado. Não podia crer no que via. A parede exterior do camarote tinha desaparecido! No seu lugar estava um buraco gigantesco através do qual se podia ver o reflexo do luar no oceano. Trabalhou febrilmente, e minutos depois estava ao lado da mulher. Limpou-lhe o sangue da fronte e das faces com uma ponta do casaco do pijama e beijou-a com ternura.

— Não me consigo mexer — disse ela quase em tom de desculpa.

Fosse o que fosse que o lançara de rojo para o camarote ao lado, arrancara do chão a armação de aço da cama de Myra e atirara-a contra a parede como uma mola numa ratoeira. Myra estava praticamente de pé, felizmente protegida pelo colchão da pressão do emaranhado de molas da cama, mas esmagada contra a parede pela armação. Atrás dela encontrava-se o cabo de aço de um elevador do navio. O seu braço livre pendia-lhe do lado direito.

Carey envolveu o rebordo da armação com os dedos. Ia nos cinquenta e tais mas ainda conservava a força dos seus tempos de trabalhador. Puxou com o vigor considerável do seu corpo avantajado. A armação deu ligeiramente de si apenas para voltar com força ao mesmo sítio assim que ele a largou. Tentou sustê-la com uma trave de madeira mas parou quando Myra gritou de dor. Deitou fora a madeira, furioso.

— Querida — disse, procurando manter a voz calma -, vou buscar ajuda. Tenho de te deixar. Só um bocadinho. Eu volto. Prometo.

— Jake, tens de te salvar. O navio...

— Não te livras de mim assim *tão* facilmente, meu amor.

— Não sejas teimoso, por amor de Deus.

Ele beijou-a na face outra vez. A sua pele, normalmente tão morna ao tacto, parecia fria e húmida. — Pensa no sol da Toscânia enquanto esperas. Eu volto já. Prometo. — Apertou-lhe a mão na sua e, destrancando a porta por dentro, saiu para o corredor sem a mais pequena ideia do que fazer. Um homem atarracado com ar forte vinha na sua direcção. Jake agarrou-o pelo ombro e começou a pedir ajuda.

— Fora do caminho! — Com um olhar vítreo, o homem afastou Jake para o lado à força de ombro apesar do seu tamanho.

Tentou freneticamente convencer mais uns dois homens antes de desistir. Ali não havia bons samaritanos. Era como tentar apanhar um novilho de uma manada de gado investindo louca de sede para um poço. Não podia censurá-los por correrem para salvarem a vida. Também ele arrastaria Myra para lugar seguro se ela estivesse livre. Decidiu que os restantes passageiros de nada serviriam. Tinha de encontrar alguém da tripulação. Lutando para se manter de pé sobre o convés inclinado, juntou-se à multidão que se dirigia para os andares superiores.

Angelo fizera uma rápida inspecção ao navio e não gostou do que viu. Especialmente do lado de estibordo, que mergulhava cada vez mais em direcção ao mar.

Tinham sido lançadas cinco embarcações salva-vidas, todas ocupadas por membros da tripulação. Dezenas de empregados de mesa e ajudantes de cozinha assustados haviam pulado para dentro dos barcos perigosamente cheios e remavam na direcção de um navio branco. Um olhar para a proa amarfanhada do navio e para a brecha aberta no costado do *Doria* foi suficiente para Angelo perceber o que acontecera. Angelo deu graças pelo facto de muitos dos passageiros se encontrarem fora dos camarotes a comemorar a última noite a bordo, quando se dera o embate.

Dirigiu-se para bombordo. Era difícil caminhar sobre o convés inclinado e escorregadio devido ao óleo e à água proveniente dos sapatos de passageiros e tripulantes. Avançou a custo, centímetro a centímetro, ao longo de um corredor, agarrando-se aos corrimãos e às ombreiras das portas, até que conseguiu chegar ao convés principal. A maioria dos passageiros havia sido inconscientemente atraída para o lado mais afastado da água. Ali aguardavam instruções. À luz difusa das luzes de emergência, agarravam-se às espreguiçadeiras aparafusadas ao chão ou amontoavam-se apreensivos entre as pilhas de bagagem ali previamente colocada para o momento de atracar. A tripulação fazia o que podia para atender a braços e pernas partidos. Contusões e ferimentos teriam de esperar.

Algumas pessoas envergavam trajes de noite, outras roupa de dormir. Estavam espantosamente calmas, à excepção dos momentos em que o navio estremecia. Então, gritos de angústia e raiva enchiam a atmosfera húmida. Angelo sabia que o comedimento rapidamente se transformaria em histeria se se espalhasse a palavra de que alguns tripulantes estavam a tomar os únicos salva-vidas e a deixar para trás os passageiros num navio a afundar-se.

O convés principal fora concebido de forma que os passageiros pudessem saltar através das janelas deslizantes para os barcos salva-vidas suspensos do convés das embarcações salva-vidas. Os oficiais do navio e o que

restava da tripulação esforçavam-se em vão por desengatar os salva-vidas. Os turcos não tinham sido feitos para funcionar em plano inclinado, pelo que era impossível soltar os barcos. O coração de Angelo caiu-lhe aos pés. Era por isso que os passageiros não tinham recebido instruções para abandonar o navio. O comandante temia um acesso de pânico!

Com metade dos salva-vidas ocupados pela tripulação do navio e outra metade sem qualquer préstimo, não havia salva-vidas que chegassem para os passageiros. Nem coletes de salvação suficientes, pelo que se via. Os passageiros não tinham como escapar se o navio afundasse. Por um breve momento, considerou escapular-se para o lado de estibordo e pular do navio para fora juntamente com a restante tripulação. Afugentou o pensamento e, em vez disso, agarrou num monte de coletes salva-vidas em posse de outro membro da tripulação e começou a distribuí-los. Maldito código de honra siciliano. Um destes dias ainda o matava.

— Angelo!

Uma aparição ensanguentada avançava a custo por entre a multidão em círculos, chamando pelo seu nome.

— Angelo, sou *eu*, Jake Carey.

O americano alto com a mulher bonita. A senhora Carey tinha idade suficiente para ser sua mãe, mas *mamma mia*, aqueles grandes olhos maravilhosos e a forma como os quilos suplementares da meia-idade tinham acrescentado uma voluptuosidade de mulher madura às suas curvas da juventude! Angelo apaixonara-se instantaneamente por ela, devaneio inocente de um jovem. Os Careys tinham-lhe dado gorjetas generosas e, mais importante, haviam-no tratado com respeito. Outros, mesmo italianos como ele, olhavam de alto para a sua pele morena de siciliano.

Aquele Jake Carey era a imagem da prosperidade americana, ainda em forma nos seus cinquenta e tais, ombros largos sob o casaco desportivo, cabelo grisalho bem cortado, rosto bronzeado. O passageiro bem vestido que ele vira ainda nessa noite tinha desaparecido. O homem de olhar desvairado que corria na sua direcção envergava um pijama rasgado todo sujo e tinha a testa manchada de sangue. Aproximou-se e agarrou-se a Angelo, apertando-lhe o braço com tanta força que o magoou.

— Graças a Deus, alguém conhecido — disse, exausto.

Angelo varreu a multidão com os olhos.

— Onde está a Signora Carey?

— Presa no camarote. Preciso da sua ajuda. — Tinha o olhar esbraseado.

— Vou já — respondeu Angelo sem um momento de hesitação.

Chamou um camareiro e passou-lhe os coletes de salvação, depois seguiu Carey para as escadas mais próximas. Carey baixou a cabeça e in-



vestiu através da vaga humana que afluía ao convés. Angelo agarrou-se ao seu casaco de pijama imundo para não se perder. Precipitaram-se escadas abaixo para o convés superior, onde ficava a maior parte dos camarotes de primeira classe. Por essa altura, já só se viam algumas pessoas dispersas, cobertas de óleo, nos corredores.

Angelo ficou chocado quando viu a Sra. Carey. Parecia encontrar-se numa roda de tortura medieval. Tinha os olhos fechados, e por um momento ele julgou-a morta. Mas ao toque gentil do marido teve um estremecer de pálpebras.

— Eu disse-te que voltava, querida — disse Carey. — Olha, aqui o Angelo veio ajudar-nos.

Angelo tomou-lhe a mão e beijou-lha galantemente. Ela concedeu-lhe um sorriso enternecedor.

Os dois homens agarraram na armação da cama e puxaram, grunhindo mais de frustração do que de esforço, ignorando a dor provocada pela aguçada armação de metal a dilacerar-lhes as palmas das mãos. A armação cedeu uns centímetros mais do que da última vez. Mas mal a soltaram, saltou para trás como uma mola. A cada tentativa, a Sra. Carey cerrava firmemente os olhos e os lábios. Carey praguejou. Conseguira tantas vezes o que queria à custa de simples força, que se habituara a sair vencedor. Mas não desta vez.

— Precisamos de mais homens — disse, ofegante.

Angelo encolheu os ombros, embaraçado.

— A maior parte da tripulação já está nos barcos salva-vidas.

— Jesus — murmurou Carey. Já fora suficientemente difícil encontrar Angelo. Carey pensou por um momento, encarando o problema do ponto de vista de um engenheiro.

— Podíamos fazê-lo, só nós dois — disse finalmente. — Se tivéssemos um macaco.

— O quê? — O empregado pareceu confuso.

— Um *macaco* — Carey esforçou-se por se lembrar de um sinónimo, desistiu, e fez um movimento de bombear com a mão. — De automóvel.

Os olhos escuros de Angelo brilharam de compreensão.

— Ah — disse. — Uma *alavanca*. De carro.

— Exactamente — disse Carey com entusiasmo crescente. — Veja, podíamos pô-lo aqui e afastar a armação da parede de modo a termos espaço para puxar Myra para fora.

— *Si*. A garagem. Eu já volto.

— Sim, isso mesmo, a garagem. — Carey olhou de relance a expressão de sofrimento da mulher. — Mas tem de se apressar.

Carey jamais fora homem de dar as coisas por garantidas. Angelo po-

dia escapar-se para o salva-vidas mais próximo assim que saísse do camarote. Carey não o censuraria. Agarrou Angelo pelo cotovelo.

— Não posso dizer-lhe quão grato lhe estou, Angelo. Quando chegarmos a Nova Iorque, assegurar-me-ei de que seja recompensado.

— Ei, Signor. Eu não faço isto por dinheiro. — Sorriu, soprou um beijo para a Sra. Carey e desapareceu do camarote, agarrando num colete de salvação pelo caminho.

Correu pelo corredor fora, desceu umas escadas para o convés da entrada e não passou daí. A proa do *Stockholm* penetrara quase até à capela, deixando o átrio de entrada transformado numa amálgama de metal retorcido e vidros partidos. Afastou-se da área mais atingida pelos estragos e seguiu por um corredor central que o levou em direcção à popa, depois desceu mais um lance de escadas para o convés A. Mais uma vez, a maior parte dos camarotes de estibordo tinham simplesmente desaparecido. Mais uma vez, continuou a descida para o convés seguinte por um caminho alternativo.

Antes de descer para outro andar, Ângelo parava e benzia-se. O gesto confortava-o ainda que o soubesse inútil. Nem mesmo Deus seria suficientemente louco para o seguir até às entranhas de um navio prestes a afundar-se.

Parou para se orientar. Estava no convés B, onde ficavam localizados a garagem e muitos dos camarotes mais pequenos. A Grande Autorimessa, com espaço para cinquenta carros, estava ensanduichada entre os camarotes da classe turística da proa. A garagem com ar condicionado atravessava o navio de um lado ao outro. Portas de ambos os lados permitiam aos carros saírem directamente para o cais. Angelo só lá fora abaixo uma vez. Um dos empregados da garagem, um conterrâneo seu da Sicília, quisera mostrar-lhe a maravilha de carro que a Chrysler mandara vir de Itália. O aerodinâmico *Norseman* levava um ano a ser desenhado, e a Ghia de Turim passara mais quinze meses a construir à mão a máquina de cem mil dólares. Ele pudera ver as suas linhas modernas, de uma beleza de tirar o fôlego, através do engradado que o protegia. Mas os dois homens estavam mais interessados num *Rolls-Royce* que um americano rico de Miami Beach mandava de volta para casa após a sua lua-de-mel em Paris. Angelo e o amigo simularam à vez ser o motorista e o passageiro do *Rolls*.

Angelo lembrava-se de ouvir dizer que havia nove carros na garagem. Talvez um deles tivesse um macaco a que pudesse ter acesso. Não tinha grandes esperanças depois de ver a extensão dos estragos a estibordo. O outro navio devia ter entrado directamente através da parede da garagem. Fez uma pausa na escuridão para recuperar o fôlego e limpar o suor dos olhos. E agora? Fugir? *Mamma mia*. E se as luzes se apagassem? Jamais daria com

o caminho. O medo retinha-lhe as pernas enquanto tentava fazê-las andar.

*Espera aí.*

No dia em que visitara a garagem, o seu amigo mostrara-lhe outro veículo, um enorme camião blindado, num canto do outro lado da zona de impacto. A carroçaria preta reluzente não mostrava quaisquer distintivos. Quando Angelo fizera perguntas, o amigo simplesmente rolara os olhos e encolhera os ombros. Talvez ouro. Apenas sabia que era guardado dia e noite. Mesmo enquanto conversavam, Angelo vira um homem de uniforme cinzento-escuro a observá-los até deixarem a zona de carga.

O convés estremeceu sob os seus pés. O navio inclinou-se mais um grau ou qualquer coisa semelhante. Angelo passara do medo ao puro terror.

O coração desatou a bater-lhe desenfreadamente. Acalmou à medida que o navio sossegava. Interrogou-se quão perto estaria de se virar. Olhou para o colete de salvação que trazia consigo e riu-se. O objecto de pouco serviria se o navio se virasse e se afundasse com ele nas suas entranhas. Cinco minutos. Não perderia nem mais um minuto. Depois trataria de correr lá para cima mais depressa que uma lebre. Ele e Carey haviam de arranjar alguma solução. *Tinham* de fazê-lo. Encontrou a entrada da garagem. Inspirou fundo, abriu a porta e entrou.

O espaço cavernoso estava escuro como breu, à excepção das poças amarelas das luzes de emergência nos tectos altos. Olhou de relance para estibordo e viu reflexos de ondulação no chão onde a garagem estava a meter água. A água ondulava-lhe em torno dos tornozelos. Devia estar a entrar água do mar, e se a garagem não estava ainda cheia, ficá-lo-ia numa questão de minutos. O mais provável era que todos os carros no caminho tivessem sido esmagados pela proa aguçada. Não dispunha de muito tempo. Começou a andar ao longo de uma parede para o canto oposto. Podia ver a forma rectangular na sombra e a luz reflectida nas suas janelas escuras. A lógica dizia-lhe que era uma perigosa perda de tempo ir mais longe. Para sair do porão e ir lá para cima. *Pronto*. Antes que a garagem se transformasse num aquário.

Veio-lhe ao espírito a imagem da Sra. Carey, presa contra a parede como uma borboleta. O camião era a sua última hipótese, e contudo, hipótese nenhuma. O mais provável era que o macaco estivesse fechado lá dentro. Convencera-se de que tinha de sair dali de mãos vazias e deteve-se para olhar demoradamente pela última vez para o camião. Foi aí que descobriu que não estava sozinho.

Um fino raio de luz rompeu a escuridão junto ao camião. Depois outro. *Lanternas*. Depois o tremeluzir de candeeiros portáteis, que foram pousados no chão de forma a iluminar o camião. À sua luz, podia ver gen-